

Walt Whitman e Fernando Pessoa

ALITA SODRÉ DAWSON

A Diretora do Centro de Estudos Portugueses, Prof.^a Lélia Parreira Duarte, incumbiu-me de falar sobre Fernando Pessoa e a influência que recebeu de Whitman, através do seu heterônimo Álvaro de Campos.

Os alunos aqui presentes conhecem a vida e a obra de Fernando Pessoa, mas bem poucos estão familiarizados com a arte e a poesia de Whitman. Começarei por responder à pergunta: Quem foi Whitman, afinal?

Walt Whitman (1819-1892) foi o mestre da poesia moderna, no sentido de que permitiu ao leitor respirar numa atmosfera de confiança e certeza em franca oposição à literatura de seus dias, ou, mais precisamente, à poesia romântica predominantemente nos Estados Unidos por ocasião do aparecimento da 1.^a edição de *Folhas de Relva* (*Leaves of Grass*), em 1855.

A atitude desassombrada do poeta da alegria saudável, da efusão cósmica, do homem e da mulher, da multidão e da democracia, teve como objetivo reabilitar seu povo ao julgamento implacável das idéias ainda reinantes do puritanismo, as quais, de tanto denunciar pecados e misérias morais, reduziam seus irmãos americanos à condição de pobres doentes do espírito, esmagados por dúvidas e crises incuráveis de consciência.

Lembre-mo-nos, a propósito, de que, em 1850, Nathaniel Hawthorne publicava *A Letra Escarlate* (*The Scarlet Letter*) cuja ação transcorre no ambiente puritano da Nova Inglaterra, onde qualquer transgressão moral era severamente punida, como foi o caso da personagem central Hester Prynne.

Surge então Walt Whitman que procura, qual herói helênico, reatar, no tempo, o desejo humano de sentir e viver a vida pura e saudavelmente. Whitman não apenas redescobre o homem primitivo, adâmico, mas da mesma forma, nos torna conscientes de que tudo o que existe é digno de nossa admiração e respeito. Como diz nos versos finais do poema "The Mystic Trumpeter" ("O Corneteiro Místico").

Alegria! Alegria na liberdade, na adoração, no amor!
Alegria no êxtase de viver!
Só o fato de viver basta! Só de respirar!
Alegria! Alegria! Por toda parte, alegria!

Nota-se aqui, como em tantos outros poemas, a expressão natural desse poeta sem leis e sem preconceitos, abrindo-se a todas as manifestações da vida, como bem expressa uma passagem de seu poema "Canto das exultações" ("A Song of Joys").

Oh! A alegria dessa enorme simpatia elementar
que só a alma humana é capaz de engendrar
e distribuir em fluxo constante e ilimitado!

É esse o Whitman americano, o Whitman do Novo Mundo, o poeta que, a partir de 1855, iria assumir a tarefa de criar uma literatura para a América sem ligação com a literatura da Europa "já com um gosto de morte, um espírito de negação da vida".

Na seção 21 do poema "Canto de Mim Mesmo" ouvimos do poeta:

Então o canto da expansão e do orgulho,
Já nos humilhamos e imploramos bastante,
Eu provo que grandeza não é apenas desenvolvimento,
Você ultrapassa os outros? Você é o Presidente?
Isso é uma insignificância, todos podem lá chegar e
[até ultrapassar...]

Whitman estava certo, porém, de que sua mensagem dificilmente seria aceita por seus contemporâneos e, por essa razão, ele diz num trecho de um de seus prefácios:

“Nesses cantos apresento meus esforços pioneiros. Bravo para os poetas que, vindo depois de mim, possam completar o meu trabalho.”

Whitman se considerava importante apenas como precursor de poetas que, mais tarde, não somente seguiriam suas teorias, como também o suplantariam. Como afirma em “Poetas do futuro” (“Poets to Come”)

Poetas do futuro! oradores, cantores, músicos do futuro.
Não é possível que hoje me possam compreender,
mas vocês, uma geração nova, nativa, saudável,
[continental,

maior que qualquer outra que até agora já apareceu,
Levantem-se, levantem-se, vocês serão meus seguidores,
Vocês responderão à minha mensagem...

Os poetas a quem Whitman se dirigiu não apareceram senão meio século depois.

É interessante observar que, em diferentes países e quase ao mesmo tempo, grupos de jovens poetas — artistas em geral — surgiram para, de forma veemente, dar continuação à revolução poética iniciada por Whitman em 1855. As principais características dos Manifestos dos chamados Movimentos Modernistas na França, Itália, Portugal, Estados Unidos e Brasil, são as mesmas que Whitman apresentou no Prefácio da 1.^a edição de *Folhas de Relva*, tais como:

“Rompimento com a poesia convencional.
Uma poesia livre e essencialmente nacionalista.
A natureza apresentada no seu aspecto primitivo.
Os operários e os homens simples do campo
como heróis da nova poesia. (Canto de mim mesmo,
[seção 7)

Exaltação à energia explosiva das máquinas.

[(seção 26 do “Canto de Mim Mesmo)]

A importância do conteúdo em detrimento do verso

[metrificado.]

Voltamos, agora, nossa atenção para o poeta português Fernando Pessoa, ou melhor, para o seu heterônimo modernista Alvaro de Campos.

Fernando Pessoa, poeta sensível, angustiado, tão cheio de interrogações diante dos mistérios da vida, jamais poderia apresentar qualquer traço que o identificasse com Whitman. Na verdade, entre Pessoa e Whitman só existem diferenças.

Enquanto Whitman se excede em volúpia e entusiasmo como nesses versos de “Canto das Exaltações”:

Oh! A alegria da minha alma erigida sobre si mesma,
recebendo identidade através das coisas materiais e as
amando, percebendo significações e as incorporando.

Minha alma vibrando aos seus estímulos e retornando a
mim pela vista, audição, tato, razão, enunciação,
Comparação, memória e coisas semelhantes...

Fernando Pessoa persiste na sua angústia:

Chove. Que fiz eu da vida?
Fiz o que ela fez de mim...
De pensada, mal vivida
Triste de quem é assim!

Numa angústia sem remédio
Tenho febre na alma e, ao ser,
Tenho saudade, entre o tédio,
Só do que nunca quis ter...

Enquanto em Whitman tudo é movimento, audácia e arrebatamento, em Pessoa a inércia, não raro, se apodera de seu ser tornando-o obsessivo e triste.

Comparemos essas duas passagens:

Whitman: seção 38 de “Canto de Mim Mesmo”

Corro em tropel, provido do poder supremo,
como parte de uma procissão interminável,
Caminhando pelo interior e pelo litoral e atravessando
todas as fronteiras,
Precipitando-me pelo espaço, precipitando-me através
do céu e das estrelas,
Recuando e avançando, aparecendo e desaparecendo,
Eu trilho esses caminhos dia e noite.

Pessoa: Náusea

Náusea. Vontade de nada.
Existir por não morrer.
Como as casas têm fachada,
Tenho este modo de ser.

Náusea. Vontade de nada.
Sento-me à beira da estrada.
Cansado já do caminho
Passo pra o lugar vizinho.

Mais náusea. Nada me pesa
Senão a vontade presa
Do que deixei de pensar
Como quem fica a olhar...

Certo de que a angústia e a incerteza o acompanhariam onde quer que fosse, tentou o poeta mascarar o seu drama interior. Mascarou-o, assim, e de várias formas: ora em tom agressivo, ora mordaz, como o poema "Conselho" bem o mostra:

Cerca de grandes muros quem te sonhas.
Depois, onde é visível o jardim
Através do portão de grade dada,
Põe quantas flores são as mais risonhas,
Para que te conheçam só assim.
Onde ninguém o viu não ponhas nada.

Faze canteiros como os que outros têm,
Onde os olhares possam entrever
O teu jardim como lho vais mostrar.
Mas onde és teu, e nunca o vê ninguém,
Deixa as flores que vêm do chão crescer
E deixa as ervas naturais medrar.

Faze de ti um duplo ser guardado;
E que ninguém, que veja e fite, possa
Saber mais que um jardim de quem tu és —
Um jardim ostensivo e reservado,
Por trás do qual a flor nativa roça
A erva tão pobre que nem tu a vês...

É, porém, através de uma de suas máscaras ou, mais precisamente, de seu heterônimo Álvaro de Campos que a influência de Whitman se faz sentir.

Como Pessoa afirmou em carta a Armando Côrtes Rodrigues:

“Mantenho, é claro, o meu propósito de lançar pseudonimamente a obra Caeiro-Reis-Campos. Isso é toda uma literatura que eu criei e vivi, que é sincera, porque é sentida, e que constitui uma corrente com influência possível, benéfica incontestavelmente, nas almas dos outros... Por isso é sério o que escrevi sob os nomes de Caeiro, Reis, Álvaro de Campos. Em qualquer destes, pus um profundo conceito da vida diverso em todos três, mas em todos gravemente atento à importância misteriosa de existir”.

Ao tomarmos conhecimento dos vários heterônimos verificamos, de imediato, que o nascimento de Álvaro de Campos se deu de forma diferente: ele surgiu tão efusiva e impetuosamente quanto o seu mestre Whitman, que, com sua furiosa alegria telúrica, se incorporava intimamente ao mundo, num transbordamento arrebatado, quase animal:

Oh! a alegria desenfreada do meu espírito,
fendendo a escuridão como um relâmpago!

Oh! a alegria do maquinista! correr numa locomotiva!
Ouvir o resfolegar do vapor, o estridulo folgazão,
o apito da máquina, a locomotiva gargalhando!
Avançar impetuosamente e precipitar-se na distância...

.....

Oh! trabalhar nas minas ou forjar o ferro,
A fornalha, o líquido rubro vazando em torrentes.

.....

O! a alegria da minha alma vibrando aos seus estímulos...
("Canto das Exultações")

Aqui está o discípulo Álvaro de Campos na "Ode Triunfal":

Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Andam por estas correias de transmissão e por estes
êmbolos e por estes volantes,
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,
Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa
[só carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me
[Passento

A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

Assim como o bulício da vida moderna, também o mar me-
receu versos apaixonados de Whitman e Campos, com profundas
conotações eróticas, como, por exemplo, nos versos iniciais da
seção 22 de "Canto de Mim Mesmo":

Tu, ó mar! Igualmente me entrego a ti — adivinho o que
[pretendes dizer,
Vejo, da praia, teus dedos curvados e tentadores,
Creio que te recusas a voltar sem antes me teres
[acariciado,
Devemos fazer juntos um passeio, eu me despirei,
leva-me até perdermos de vista a terra,
Protege-me ternamente, embala-me na cadência de tuas
[ondas,
Salpica-me com teu líquido amoroso e eu
te saberei retribuir...

Ou Alvaro de Campos, numa passagem de sua "Ode Marítima".

Todos os mares, todos os estreitos, todas as baías,
[todos os golfos,
Queria apertá-los ao peito, senti-los bem e morrer!
Toma-me pouco a pouco o delírio das coisas marítimas,
Penetram-me fisicamente o cais e sua atmosfera,
O marulho do Tejo galga-me por cima dos sentidos,
E começa a sonhar, começo a envolver-me do sonho das
[águas...

Chamam por mim as águas
Chamam por mim os mares...

É, porém, na "Saudação a Walt Whitman" que Alvaro de Campos procura transmitir ao leitor a impressão de perfeita identidade com seu mestre e camarada Whitman. Senão vejamos:

De aqui de Portugal, todas as épocas no meu cérebro
Saúdo-te, Walt, saúdo-te meu irmão em Universo,
Sou dos teus, tu bem sabes e compreendo-te e amo-te,
E embora te não conhecesse, nascido pelo ano em que
[morrias:
Sei que me amaste também, que me conheceste e estou
[contente.

E conforme tu sentiste tudo, sinto tudo e cá estamos de
[mãos dadas,
De mãos dadas, Walt, de mãos dadas dançando o universo
[na alma.

Ó sempre moderno e eterno cantor dos concretos absolutos,
Conubina fogosa do universo disperso,
Grande pederasta roçando-te contra a diversidade das
[coisas,
Sexualizado pelas pedras, pelas árvores, pelas pessoas,
[pelas profissões,
Meu velho Walt, meu grande Camarada, evohé!
Pertencço à tua orgia báquica de sensações em liberdade
Sou dos teus desde a sensação dos meus pés até a
[náusea em meus sonhos,

Abram-se todas as portas!
Por força que hei de passar!
Minha senha? Walt Whitman!

Esses versos, uma parte apenas da “Saudação a Walt Whitman”, reproduzem, de forma acentuada, a seção 24 do “Canto de Mim Mesmo”. Eis aqui uma passagem dessa seção:

Walt Whitman, um cosmo, filho de Manhattan,
Turbulento, carnal, sensual, que come, bebe e gera,
Nem sentimentalista, nem se colocando acima ou
separado dos homens e das mulheres,
Nem mais modesto do que imodesto.

Desprendam-se as fechaduras das portas!
Desprendam-se as próprias portas dos seus umbrais
Através de mim a inspiração que pulsa continuamente,
Através de mim o que circula e o que está no “index”.
Pronuncio a senha primitiva, dou o sinal da democracia,
Por Deus! nada aceitarei, uma vez que os outros não
tenham sua parte correspondente e nas mesmas condições.
De mim saem vozes há muito caladas,
Por mim vozes proibidas,

Vozes dos sexos e dos desejos, vozes veladas das quais eu
[retiro o véu

Vozes indecentes que eu purifico e transfiguro.

Creio na carne e nos desejos,

Ver, ouvir, sentir, são milagres, e cada parte ou apêndice
[do meu corpo é um milagre...

Notamos nessas duas passagens um estilo grandioso com ênfase nos versos “sentir”, “cantar”, “ouvir”, “tocar”, “ver” — puramente sensoriais, verbos, portanto que exprimem um transbordamento de emoções, porque transmitem o ritmo dos grandes acontecimentos. Por isso mesmo são versos licres, com estrofes irregulares apresentando versos anafóricos, exclamativos, versos marcados por repetição, paralelismo, rima interior, aliteração, enumerações de uma, duas ou mais páginas, “enumeração caótica” segundo Leo Spitzer, mas que Mário de Andrade preferiu denominar “versos harmônicos”.

Todas as observações aqui apresentadas se referem ao Alvaro de Campos em sua segunda fase poética.

Jacinto do Prado Coelho, em *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, fala de “uma curva evolutiva por que passou a poesia de Campos”. É justamente nessa segunda fase, que o o futurista Whitmaniano se faz sentir, especialmente em “Ode Triunfal”, “Ode Marítima”, “Saudação a Walt Whitman”, e “Passagem das Horas”.

O Alvaro de Campos da terceira fase volta a ser o cético Pessoa, o angustiado poeta que não se cansa de interrogar sobre a validade do ser humano:

Ah! pobre vaidade de carne e osso chamada homem,
Não vês não tens importância absolutamente nenhuma?
(Poema 451, 1926).

Se na segunda fase Alvaro de Campos abre o seu coração para o mundo de sensações e, de mãos dadas com Whitman — seu irmão e camarada — segue feliz, pois — “onde quer que ele vá, os homens e as mulheres o acolhem e o desejam,

Desejam que ele os ame, lhes toque, lhes fale,
permaneça junto deles...

[(Seção 39 de Canto de Mim Mesmo)

Já na terceira fase, como que retornado de uma viagem de assombro e exaltação, transbordantes, encontra todas as portas fechadas e o tédio volta a dominar sua vida:

Fecharam-me todas as portas abstratas e necessárias,
Correram cortinas de todas as hipóteses que eu poderia

[ver na rua.

Não há na travessa achada o número da porta que me
[deram,

Acordei para a mesma vida para que tinha adormecido.
Até a vida só desejada me farta — até essa vida...

(“Lisbon Revisited”, 1926)

Vemos, então, na terceira fase, um Alvaro de Campos comedido sem o ufanismo Whitmaniano, tentando se despir da máscara que Fernando Pessoa lhe havia imposto. Na terceira fase Alvaro de Campos já se torna Fernando Pessoa “ele mesmo”.

BIBLIOGRAFIA

SIMÕES, João Gaspar. Vida e Obra de Fernando Pessoa, 2 Vols., Lisboa, 1950.

QUADROS, Antônio. Fernando Pessoa, Coleção A Obra e o Homem, Ed. Arcádia, 1960.

COELHO, Jacinto do Prado. Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa, Ed. Verbo, Lisboa, 1963.

LOURENÇO, Eduardo. Fernando Pessoa Revisitado, Porto, Ed. Inova, 1973.

CARNEIRO, Mário de Sá. Cartas a Fernando Pessoa, 2 vols., Ed. Ática, Lisboa, 1958-9.

FREIRE, Gilberto. O Camarada Whitman, Ed. José Olímpio, Rio de Janeiro, 1948.

Todas as citações de Fernando Pessoa são retiradas de:

PESSOA, Fernando. Obra Poética, Rio de Janeiro, Companhia Aguiar Ed., 1965.

Todas as citações de Wat Whitman são retiradas de:

The Complete Poetry and Prose of Walt Whitman, 2 vols., Nova Iorque: Pellegrini and Cudahy, 1948.